

# LEVANTAMENTO MENSAL DE PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES FLORESTAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO<sup>1</sup>

Eduardo P. Castanho Filho<sup>2</sup>  
Luiz Fernando C. A. Feijó<sup>3</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

Na literatura, diversos autores levantam pontos essenciais para que a configuração e implantação de sistemas de informações das cadeias produtivas dos agronegócios atendam às reais necessidades dos usuários.

Como no Brasil esses sistemas ainda são incipientes ou fragmentados é importante verificar o que tem sido feito em outros locais, para que se possa compreender mais profundamente o processo de implementação de sistemas que auxiliem o usuário final.

Para isso, um ponto inicial que precisa ser considerado diz respeito ao conhecimento do tipo de informação desejada pelo usuário e como ela será utilizada, principalmente em função das restrições de disponibilidade de dados.

O método alternativo, de adaptar um modelo já desenvolvido para outros propósitos, visando oferecer informação aos usuários, é frequentemente problemático, uma vez que a informação ofertada pode não estar no formato desejado, o processamento de dados pode ser muito complexo e os dados excessivos. Outra questão importante na determinação do tipo de informação desejada pelo usuário é a definição clara dos objetivos, pois estes são, frequentemente, muito mais amplos do que a utilização que se pode fazer das informações.

Na seqüência relata-se um levantamento resumido da literatura concernente ao assunto, aproveitando trabalho já realizado nesse sentido (GUERRERO et al., 1997).

Land, citado por Guerrero et al. (1997),

considera três condições essenciais para que um sistema que auxilie os usuários seja implementado:

- O sistema precisa ser aprovado e considerado (avaliado, estimado) por seus usuários.
- O sistema precisa ser capaz de se adaptar às mudanças de condições e de necessidades.
- Os vários componentes do sistema de informação precisam operar em harmonia, para proporcionar suporte mútuo aos usuários do sistema.

Essas condições indicam que o sistema precisa dar respostas úteis aos usuários.

King e Cleland, citados por Guerrero et al. (1997), estudando o processo de configuração de um sistema de informação, afirmam que há evidência considerável da falta de envolvimento dos usuários nesse processo, o que tem contribuído para as falhas de sua *performance*. Sugerem que a metodologia de configuração e a análise da informação sigam os seguintes passos:

- Identificação do conjunto de usuários e organizações.
- Identificação das áreas.
- Definição das áreas.
- Desenvolvimento de um modelo descritivo do sistema.
- Desenvolvimento de um modelo normativo do sistema.
- Desenvolvimento de um modelo de consenso do sistema.
- Identificação e especificação do modelo de decisão.
- Especificação da necessidade de informação.

Bonnen, citado por Guerrero et al. (1997), chama atenção para os passos distintos que precisam ser executados antes da produção de um dado que possa representar qualquer realidade (conceituação, operacionalização de conceitos e medição) e afirma que as falhas e as limitações de qualquer um desses componentes do sistema de dados limitam e restringem a qualidade e as características dos dados produzidos.

<sup>1</sup>Cadastrado no SIGA NRP 2501 e registrado no CCTC, IE-45/2007.

<sup>2</sup>Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: castanho@iea.sp.gov.br).

<sup>3</sup>Economista, Analista Ambiental da Fundação Florestal.

Uma inadequação em qualquer estágio pode ser compensada somente parcialmente por melhoramento ou pela manipulação nos outros estágios. Portanto, uma grande melhoria na metodologia estatística e nas técnicas de processamento de dados não pode compensar falhas em nível conceitual; independentemente da qualidade de manipulação dos números, pois, pode-se estar, ainda, medindo a coisa errada. Como dado não é informação, um sistema de informação inclui não somente a produção de dados, mas também a análise e a interpretação desses dados em alguma decisão política ou no contexto de solução de problemas. Portanto, conclui o autor, um sistema de informação deve incluir não somente um sistema de dados, mas habilidades analíticas necessárias à interpretação dos dados. Quando se analisam os agronegócios deve-se ter em mente que eles têm características únicas, que devem ser consideradas pelos configuradores de qualquer sistema.

Kok e Gauthier, citados por Guerrero et al. (1997), realçam que a interface precisa ser muito "inteligente" e totalmente amigável. Ou seja, a relação entre usuário e computador deve ser a mais fluida e direta possível evitando recursos que demandem conhecimentos aprofundados de informática. O sistema deve ser modular, dada a natureza diversa e dinâmica do ambiente dos agronegócios, e deve ser clara na visão das condições operacionais externas, tanto para *hardware* como para *software*. Os autores consideram que para serem efetivos na sua utilização, os usuários precisam de dados históricos mais seguros, de acesso a dados externos e de modelos confiáveis. Para isso, devem configurar uma estrutura integrada, que possa facilitar a interação das várias partes que compõem o ambiente dos agronegócios, que não pode ser visto de modo isolado, pois ele é parte de uma série que contém componentes técnicos, ambientais, sociais e econômicos. Por essa razão é que o tipo de sinergismo encontrado nos organismos e nos sistemas biológicos deve constituir uma fonte de inspiração para a configuração dos sistemas de agronegócios (Figura 1).

O *software* para controle integrado deve desempenhar várias funções, que podem ser divididas em seis categorias genéricas:

- aquisição de dados e de conhecimento;
- interpretação, validação e competição do conhecimento;

- síntese, apresentação e transmissão da informação;
- suporte à decisão;
- tomada de decisão;
- implementação da decisão.

Outro autor que apresentou um modelo para refletir o "ambiente de informação rural" é Rao, citado por Guerrero et al. (1997), que utilizou conceitos e princípios básicos de sociologia rural, comunicação, estatística e administração. O modelo foi segmentado em várias fases (iniciação; assimilação e reação; avaliação; re-uso e informação interna), e o processo envolvido no fluxo de informação é mostrado por meio de uma rota conectando uma ampla rede de diversos determinantes em cada fase.

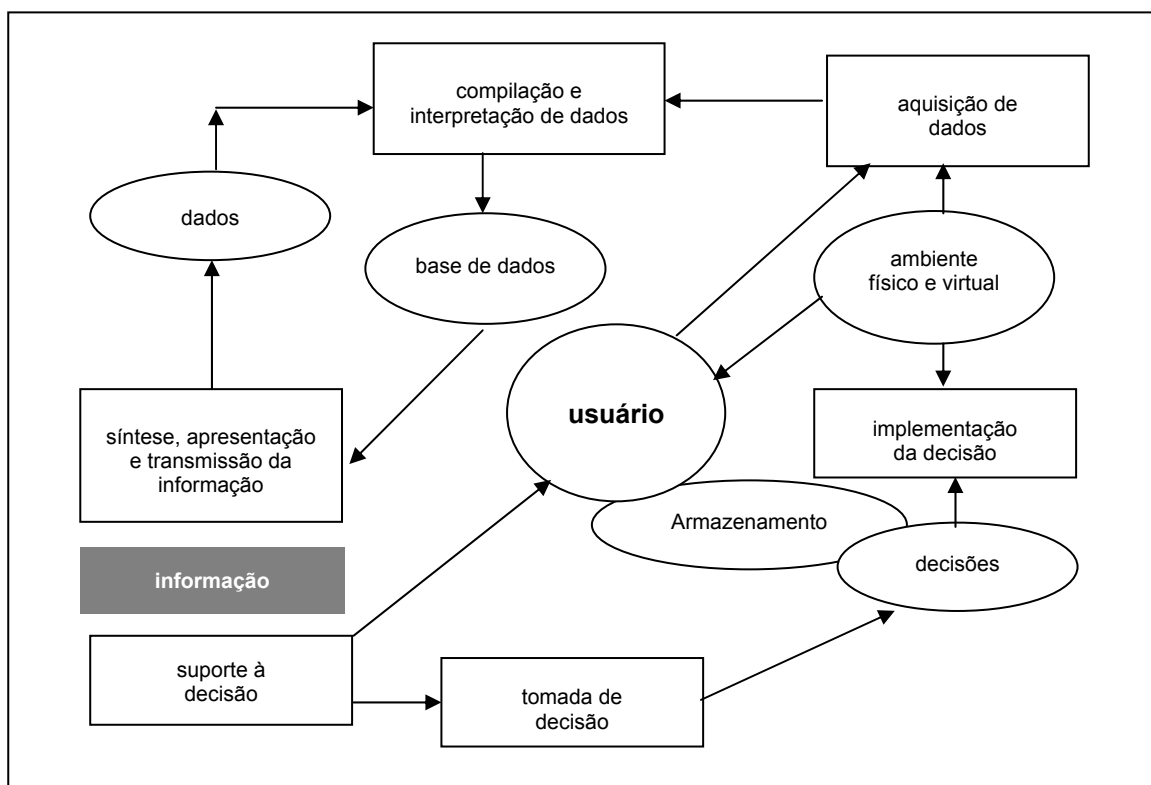
As duas posições polares que conectam o esquema são as "agências externas", de um lado, e a "área rural", de outro (Figura 2).

Do exposto pode-se concluir que é imprescindível que se desenvolvam avaliações para se conhecer tanto o tipo de informação desejada pelo usuário como a forma como ela é utilizada. O sistema de informação dos agronegócios deve, ainda, atender aos objetivos diferenciados de seus usuários e dar-lhes respostas úteis. O usuário precisa estar consciente do valor do sistema e deve ser visto como o componente principal do sistema e ser considerado em todo o processo.

Um sistema de informações eficaz deve produzir as informações realmente necessárias, confiáveis, em tempo hábil e com custo condizente, atendendo aos requisitos operacionais e gerenciais de utilização que tais informações devem suprir. Assim, deve:

- Ter por base diretrizes capazes de assegurar o atendimento dos objetivos, de maneira direta, simples e eficiente.
- Ter um fluxo de procedimentos (internos e externos ao processamento) racional, integrado, rápido e de menor custo possível.
- Contar com dispositivos de controle interno que garantam a confiabilidade das informações de saída e a adequada proteção aos dados controlados pelo sistema.
- Ser simples, seguro e rápido em sua operação.

No caso deste trabalho tomou-se por base o Sistema de Informações Florestais (SIS-FLOR) (CASTANHO FILHO et al., 2006), desenvolvido em conjunto pelo Instituto de Economia



**Figura 1** - Esquema para Controle da Atividade Integrada e dos Fluxos de Informação.  
Fonte: Adaptada de Gauthier e Kok, citados por Guerrero et al. (1997).

Agrícola, a Fundação Florestal de São Paulo e o Florestar São Paulo procurando aprimorar as questões relativas às cotações dos produtos florestais comercializados no Estado, informações para as quais existe uma deficiência crônica.

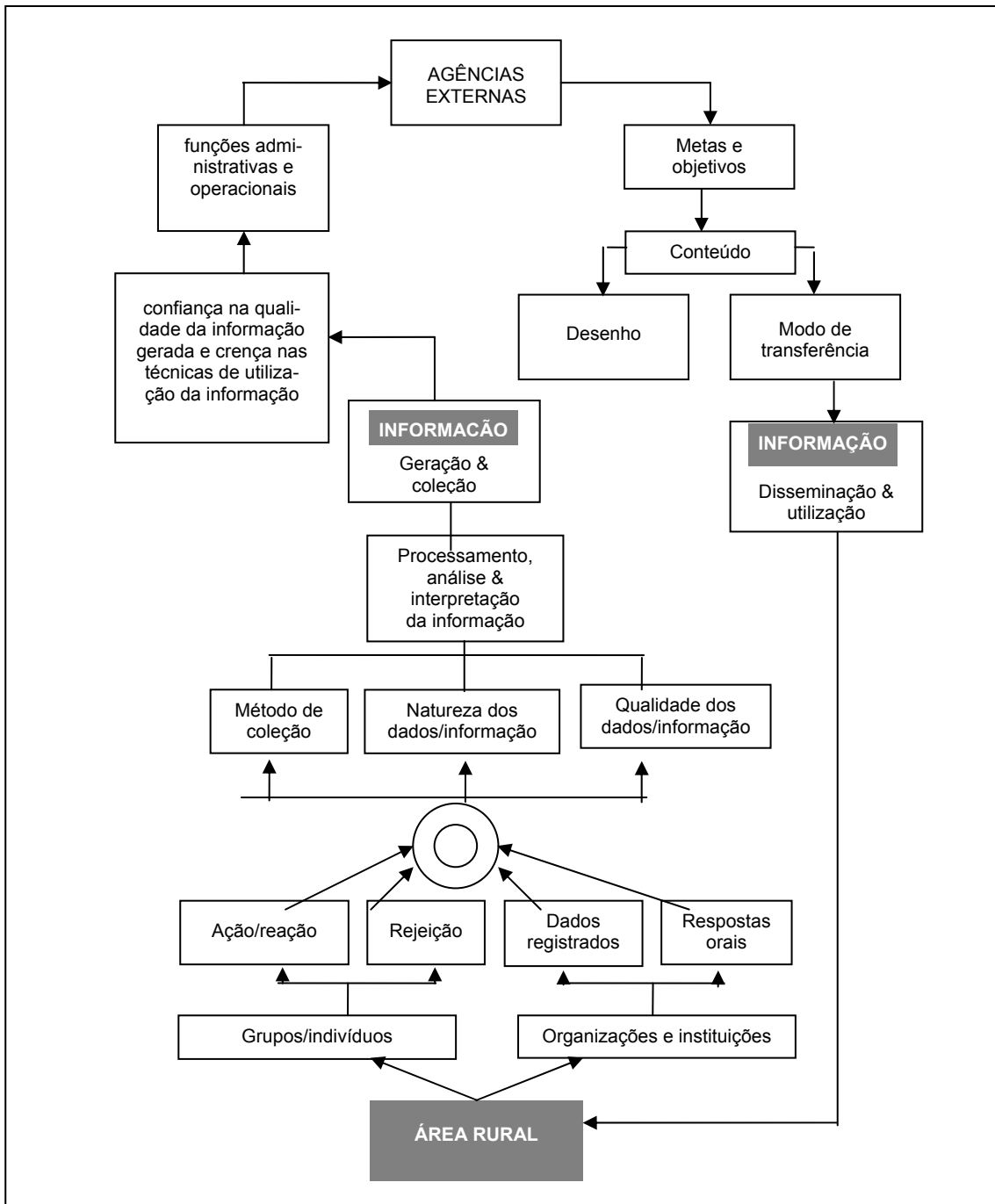
A esse respeito trabalho realizado no Instituto de Economia Agrícola (IEA), sobre levantamento de preços por amostragem (PINO et al., 2000), alerta para as diferenças entre preços, ou sejam valores unitários de transações comerciais, e cotações-preço esperado ou desejado, além de fazer considerações sobre a exatidão dos resultados obtidos em levantamentos desse tipo mostrando que tanto em amostras intencionais com forte influência do pessoal que faz os levantamentos como “em amostras probabilísticas que impessoalizam o levantamento” produzem estimativas que deixam a desejar do ponto de vista científico.

Outro trabalho (CASER et al., 2004) permitiu levar em conta os produtores florestais identificados no levantamento do LUPA e classificados por esse estudo, onde foi constatado que a ati-

vide florestal é uma prática comum nos municípios paulistas, especificando que cerca da metade da área plantada tenha se concentrado em apenas 24 municípios, geralmente em propriedades rurais de tamanho superior a 500 hectares. Esta atividade se desenvolve em cerca de 20% das unidades produtivas paulistas (UPAs), ou seja, em cerca de 40.000. As UPAs, em função da área ocupada com reflorestamento, foram classificadas em 3 grupos:

- a - grupo 1: até 20ha (36.500);
- b - grupo 2: acima de 20 até 500ha (2.600);
- c - grupo 3: acima de 500ha (300).

Os produtores dos grupos 2 e 3 estão mais filiados a associações e sindicatos; o nível de escolaridade foi mais alto entre aqueles pertencentes ao grupo 3 como também a utilização de assistência técnica privada (50%) e uso de escrituração agrícola (61%). Observaram-se características de empresa agrícola, neste grupo, pelo predomínio de UPAs com mais de 3 trabalhadores permanentes (51%) e mais de 3 trabalhadores temporários (50%) e ausência de trabalho familiar (86%).



**Figura 2** - Um Modelo para o Sistema de Informação Agrícola.  
 Fonte: Adaptada de Rao, citado por Guerrero et al. (1997).

A construção desses sistemas de informações dos agronegócios está inserida na constante preocupação da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e de seus parceiros em aprimorar a base conceitual e operacional dos sistemas de informações estatísticas para organizar e gerenciar a base de in-

formações estratégicas dos agronegócios florestais e ambientais e discutir e propor medidas de políticas públicas para a disseminação da oferta de serviços especializados, especialmente no que concerne a cotações, que podem ser disponibilizadas via eletrônica para acesso em tempo real.

Esse procedimento permitirá assegurar a manutenção de elevado padrão de qualidade das informações estratégicas; gerenciar a rede de disseminação, visando máxima eficiência da comunicação; integrar-se a sistemas de informações do Ministério do Meio Ambiente, FAO; e fornecer relatórios e outras informações solicitadas.

Objetivamente, pretende-se estudar as melhores formas de disponibilizar mensalmente os preços recebidos pelos produtores florestais, principalmente dos produtos de maior comercialização implantando em várias regiões do Estado uma rede de informações que alimente o sistema de cotações e preços recebidos pelos produtores de produtos florestais.

Especificamente implantar em pelo menos onze regiões do Estado uma rede de informações que municie todo mês o sistema de cotações e preços recebidos pelos produtores florestais. Em princípio serão coletados preços de 24 produtos que têm maior significado na produção do sistema dos agronegócios florestal e ambiental do Estado de São Paulo. Objetiva-se na seqüência a publicação regular dessas estatísticas e informações em versões impressas e eletrônicas.

## 2 - MATERIAL E MÉTODOS

Em princípio foram coletados preços de 25 produtos que têm maior significado na produção florestal e ambiental do Estado de São Paulo. Objetiva-se na seqüência a publicação regular dessas estatísticas e informações em versões impressas e eletrônicas. Em face das análises feitas pelos diversos autores procurou-se seguir uma itemização das etapas em que o trabalho se dividiu.

### 2.1 - Identificação do Conjunto de Usuários e Organizações

Adotou-se como base dos procedimentos o conceito de agronegócio florestal e ambiental como o desenvolvido em (CASTANHO FILHO et al., 2006), cujo esquema abaixo representa a estrutura básica (Figura 3).

O conceito de agronegócio utilizado é basicamente aquele desenvolvido por Davis e

Goldberg (1957), ou seja, o processo que engloba desde os elementos que entram na produção propriamente dita até o consumidor final passando pelas fases de transformação, armazenamento e transporte.

A diferença quanto ao enfoque tradicional é que não se está buscando apenas a produção madeireira *strictu sensu*, mas também a produção não madeireira e a “produção” ambiental, o que é uma inovação nas estatísticas setoriais ao se colocar esses aspectos como feições de análise de mercado. Entra-se, evidentemente, em questões de valoração de alguns produtos e serviços ainda não mensuráveis, configurando aspectos que estão sendo desenvolvidos, inclusive pelo levantamento das questões política e institucional que estão por trás do Sistema.

No entanto, é importante que essa estrutura fique sedimentada e que o processo que se dá através dela seja captado para evitar-se a sinonímia que é feita entre o processo e o tamanho das unidades que estão envolvidas no agronegócio.

Assim, o agronegócio florestal e ambiental abrange desde pequenas unidades familiares até grandes organizações.

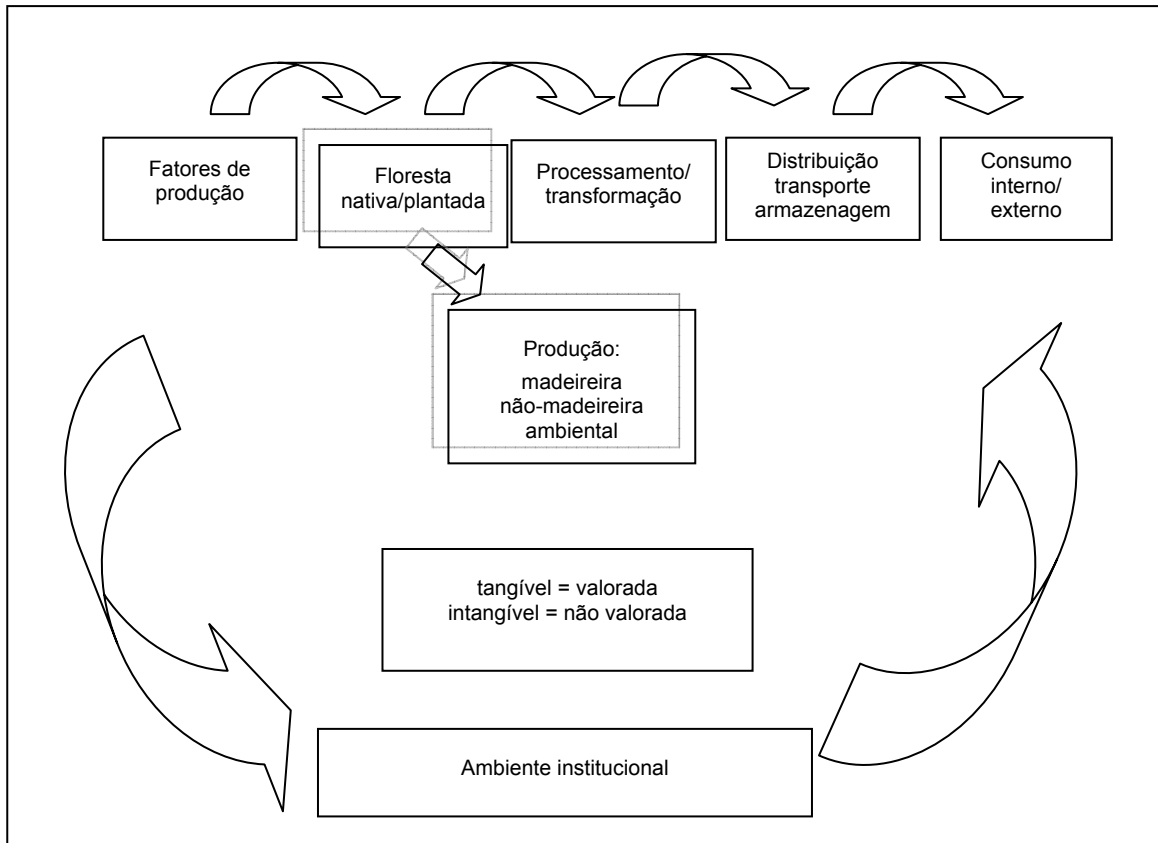
Enfatize-se que o que define o agronegócio florestal e ambiental é o produto/serviço oferecido e não o tamanho das unidades envolvidas no processo.

Resumidamente a estrutura do sistema foi definida da seguinte forma:

- grupos centrais englobando os itens fatores de produção (força de trabalho, terra, insumos, máquinas, equipamentos) produção, transformação, distribuição/transporte, armazenamento, consumo;
- grupos periféricos, que englobam: tecnologia, políticas públicas e setoriais, crédito e financiamento, órgãos de ensino/pesquisa/extensão/coordenação e profissionais do agronegócio florestal e ambiental.

Por meio do desenho do sistema foi possível apreender o sistema de informação de forma tanto particular como geral, e somente assim, foi possível constatar a grande quantidade de dados que poderão ser extraídos de cada assunto bem como suas inter-relações.

No caso da coleta de cotações junto aos produtores a atuação se deu na parte sombreada do esquema.



**Figura 3** - Conceito do Agronegócio Florestal e Ambiental.  
Fonte: Castanho Filho et al. (2006).

## 2.2 - Definição e Identificação das Áreas

A rede de informações foi estabelecida em função de:

- Divisão do estado em Unidades de Gerenciamento de Recursos Hídricos (URGHs) de acordo com o Departamento Águas e Energia Elétrica (DAEE);
- Superposição dos pólos florestais determinados pelo Instituto Florestal (IF) a essa divisão de bacias;
- Superposição dos municípios produtores determinados pelo Levantamento Unidades Produtivas Agrícolas (LUPA) (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral-CATI/IEA);
- Representação desses recortes espaciais na rede de informações;
- Existência de mais de um informante por pólo/bacia, preferencialmente;
- Representação de toda a cadeia produtiva envolvendo:

a - produtores florestais;

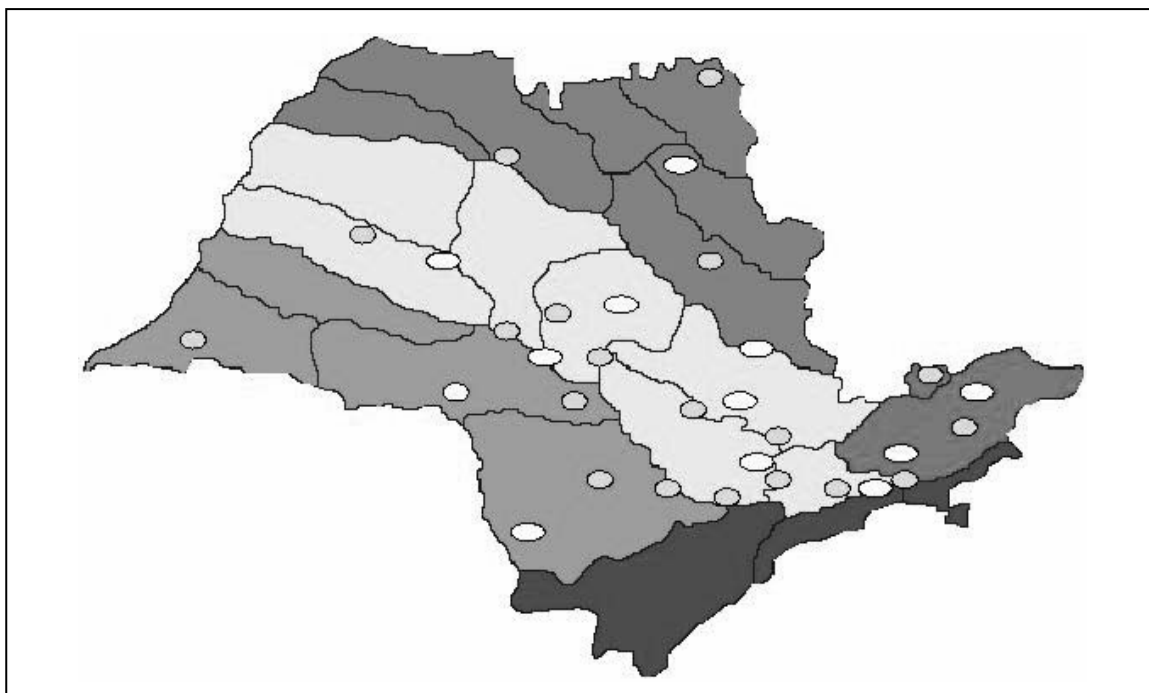
- b - associações de consumidores - reposição florestal;
- c - indústrias;
- d - grandes consumidores isolados;
- e - intermediários.

As regiões foram escolhidas em função da:

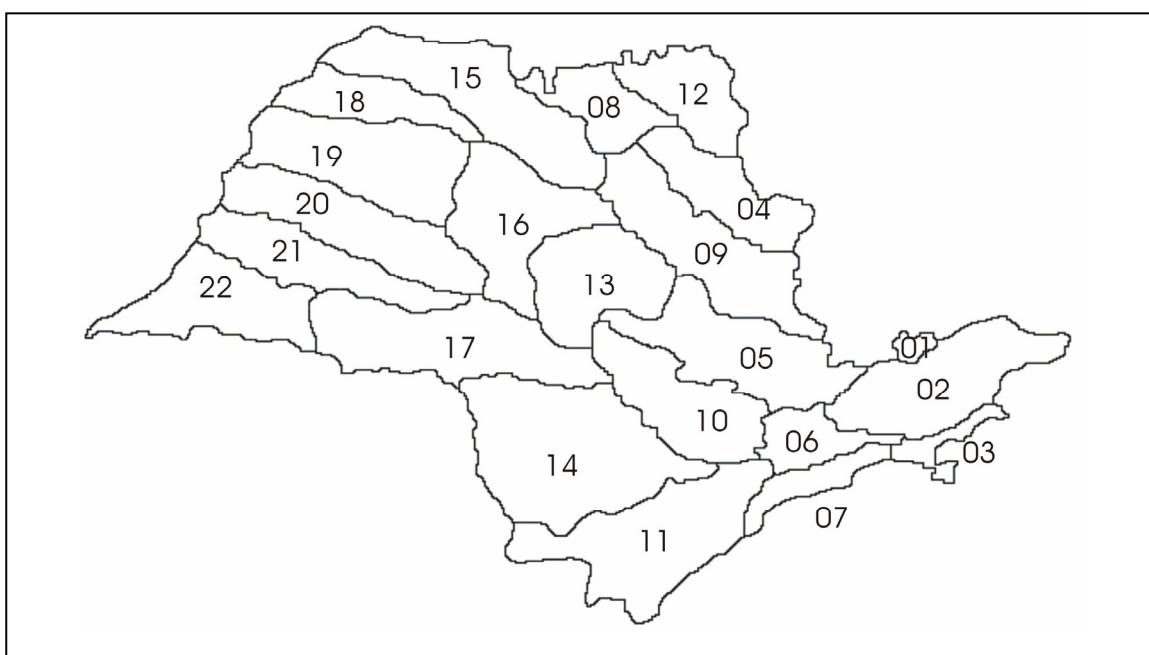
- importância na produção agroflorestal, tanto de produtos madeiros como de não-madeiros,
- existência de organizações que pudessem fornecer informações consistentes.

Nessas regiões procurou-se verificar as especificidades regionais dos mercados porque, numa primeira avaliação, verificou-se que por se tratar de produtos que têm raio de transporte limitado, os respectivos mercados tendem a ser fortemente locais ou regionais.

Nos locais de forte concentração produtiva como nos pólos florestais, os mercados tendem a ser mais diversificados e formação das cotações mais complexa (Figura 4). As URGHs oficiais estão listadas na figura 5.



**Figura 4** - Distribuição das Fontes de Informações no Estado de São Paulo.  
Fonte: Dados da pesquisa.



- |                                  |                                  |                             |
|----------------------------------|----------------------------------|-----------------------------|
| 01 - Mantiqueira                 | 09 - Mogi-Guaçu                  | 17 - Médio Paranapanema     |
| 02 - Paraíba do Sul              | 10 - Tietê/Sorocaba              | 18 - São José dos Dourados  |
| 03 - Litoral Norte               | 11- Rib. de Iguape e Litoral Sul | 19 - Baixo Tietê            |
| 04 - Pardo                       | 12 - Baixo Pardo/ Grande         | 20 - Aguapeí                |
| 05 - Piracicaba/Capivari/Jundiaí | 13 - Tietê/Jacaré                | 21 - Peixe                  |
| 06 - Alto Tietê                  | 14 - Alto Paranapanema           | 22 - Pontal do Paranapanema |
| 07 - Baixada Santista            | 15 - Turvo/Grande                |                             |
| 08 - Sapucaí/Grande              | 16 - Tietê/Batalha               |                             |

**Figura 5** - Divisão do Estado de São Paulo em Unidades de Gerenciamento de Recursos Hídricos (URGHs).  
Fonte: Castanho Filho et al. (2006).

### 2.3 - Desenvolvimento de um Modelo Descritivo do Sistema de Coleta de Informações

Na fase inicial do trabalho (novembro de 2006 a maio de 2007) foram feitas entrevistas com possíveis participantes da rede de informações. Foi adotada uma amostra intencional de informantes, obtida junto aos setores ligados à produção e à comercialização de produtos florestais, através de técnicos das associações de reposição florestal, Fundação Florestal e empresas ligadas ao setor chegando-se a 30 possíveis fontes, para os quais foram explicitados os objetivos da pesquisa e a forma de procedimento a ser adotada com o levantamento das cotações.

Essa amostra, que abrangeu as regiões citadas foi distribuída pelas categorias já nomeadas quais sejam:

- Produtores florestais;
- Associações de consumidores - Reposição Florestal;
- Indústrias;
- Grandes consumidores isolados;
- Intermediários.

Competiu ao responsável pela informação a manutenção e a ampliação do cadastro de informantes de cotações e preços recebidos pelos produtores.

Os informantes foram escolhidos principalmente entre as Associações de Reposição Florestal e as indústrias existentes nas regiões visto que essas organizações têm um contato estreito com os elos locais da cadeia produtiva, quais sejam os consumidores de produtos florestais e os produtores rurais.

Em relação aos produtos madeireiros, aqueles derivados do Eucalipto e do Pinus são os mais importantes e foram divididos em pelo menos vinte segmentos que possuem mercados e cotações distintos.

Nos produtos não madeireiros os destaques foram conferidos às resinas de pinus e ao látex da seringueira e futuramente ao palmito e às folhas para óleo essencial.

Após essa fase de consultas e entrevistas com cada um dos informantes foram passadas sete rodadas de questionários, de novembro de 2006 a maio de 2007, para verificação de inconsistências, equívocos na qualificação dos produtos, esclarecimento de dúvidas e também para se proceder a eventuais correções, sugestões e refinamentos para, definitivamente, esta-

rem em condições de ir ao campo nas regiões estabelecidas.

De posse de todo esse material e das conclusões das análises feitas foi elaborado na seqüência o questionário para a coleta mensal das informações, com base nos critérios abaixo mencionados:

- a - Área de atuação;
- b - Raio de ação econômico de transporte;
- c - Tipos de produtores / consumidores;
- d - Tipos de produtos;
- e - Medidas utilizadas;
- f - Nível de especificação dos produtos (diâmetro, densidade, comprimento, umidade, espécies, tortuosidade, empilhamento, presença/ausência de casca);
- g - Grau de formalidade/informalidade do mercado.

O questionário produzido a partir dos critérios estabelecidos ficou com a composição apresentada no Anexo 1.

Esses questionários passaram a ser enviados na segunda semana de cada mês, via Internet para toda a rede de informações.

Na quarta semana foram feitos lembretes para o preenchimento, via Internet.

Na primeira semana do mês seguinte foram feitos contatos telefônicos com cada informante que não respondera ao questionário e foram preenchidas as planilhas correspondentes com as informações que foram passadas por telefone.

Foram feitas análises e depurações dos dados e aqueles muito discrepantes, com diferenças maiores do que 20% foram checados, para serem confirmados ou não.

Quando essas discrepâncias foram observadas nas mesmas regiões foram feitas outras checagens para verificar se haviam eventuais erros nos preenchimentos dos relatórios ou se essas diferenças se deviam a outros fatores.

Na seqüência, após a resolução de todas as pendências foi preenchida a planilha geral do mês que seguiram para divulgação.

### 3 - RESULTADOS E CONCLUSÕES

Da série de planilhas preenchidas durante o período compreendido entre novembro de 2006 e maio de 2007 escolheram-se os meses de fevereiro, março e abril de 2007 como os



mais representativos visto que a planilha básica já estava consolidada e os informantes haviam esclarecido suas dúvidas (Tabela 1).

Pela análise dos resultados pode-se concluir que:

- Os preços têm uma grande variação regional;
- Há uma estabilidade relativa dos preços inter e intra-regional;
- Os produtos pesquisados tem especificações

não bem definidas;

- Em regiões onde o consumo é mais organizado (indústrias de celulose/papel ou chapas) os produtos são mais especificados e os preços mais homogêneos.

Para finalizar, propõe-se que esses levantamentos tenham continuidade a fim de se constituir séries que possibilitem a construção de um índice de preços dos produtos pesquisados.

TABELA 1 - Preços Recebidos pelos Produtores Florestais, por Bacia Hidrográfica, Estado de São Paulo, 2007

Produto	(R\$)								
	Alto Paranapanema			Médio Paranapanema			Baixo Paranapanema		
	Fev.	Mar.	Abr.	Fev.	Mar.	Abr.	Fev.	Mar.	Abr.
Eucalipto s/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eucalipto c/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	76,00	-	-	-
Eucalipto c/c energia (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	51,50	63,00	-	-	-
Eucalipto madeira em pé (processo/indústria) - (st.)	40,00	40,00	40,00	27,50	32,50	27,50	-	-	32,50
Eucalipto madeira em pé (energia) - (st.)	-	-	-	-	-	22,00	-	32,50	-
Eucalipto empilhado (lenha grossa) - (st.)	-	-	-	36,50	36,50	36,50	-	-	-
Eucalipto empilhado (lenha fina) - (st.)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eucalipto para tratamento - (st.)	-	-	-	55,00	55,00	55,00	-	85,00	85,00
Eucalipto para serraria (madeira em pé) - (m <sup>3</sup> )	-	-	-	90,00	90,00	90,00	-	180,00	175,00
Eucalipto para serraria (empilhada) - (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eucalipto prancha - (m <sup>3</sup> )	-	-	-	475,00	475,00	475,00	-	-	-
Eucalipto pontalete - (u. 3m) (0,08x0,08)	-	-	-	8,00	8,00	8,00	-	-	-
Eucalipto pontalete - (u. 2,20m) (10/12cm)	3,00	3,00	3,00	4,50	4,50	4,50	-	-	-
Pinus s/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus c/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus madeira em pé (processo/indústria) - (st.)	16,00	16,00	16,00	-	-	-	-	-	-
Pinus madeira em pé (energia) - (st.)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus empilhado (lenha) - (st.)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus para serraria diâmetro abaixo de 30cm (m <sup>3</sup> )	65,00	65,00	65,00	-	-	-	-	-	-
Pinus para serraria diâmetro acima de 30cm (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus prancha (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus ellioti - resina (t)	-	-	-	1.334,97	-	1.300,00	-	-	-
Pinus tropicais - resina (t)	-	-	-	1.236,95	-	-	-	-	-
Látex (kg)	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 1 - Preços Recebidos pelos Produtores Florestais, por Bacia Hidrográfica, Estado de São Paulo, 2007

Produto	(R\$)								
	Alto Tietê			Médio Tietê			Baixo Tietê		
	Fev.	Mar.	Abr.	Fev.	Mar.	Abr.	Fev.	Mar.	Abr.
Eucalipto s/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	59,60	59,60	59,60	-	-	73,00	-	-	-
Eucalipto c/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	50,00	50,00	-	-	-
Eucalipto c/c energia (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	52,50	52,50	-	52,50	52,50
Eucalipto madeira em pé (processo/indústria) (st.)	-	-	-	23,00	27,50	29,50	-	27,50	45,00
Eucalipto madeira em pé (energia) (st.)	-	-	-	30,00	25,50	25,50	-	-	45,00
Eucalipto empilhado (lenha grossa) (st.)	-	-	-	24,00	-	-	-	-	52,00
Eucalipto empilhado (lenha fina) (st.)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eucalipto para tratamento (st.)	-	-	-	60,00	-	-	-	-	-
Eucalipto para serraria (madeira em pé) (m <sup>3</sup> )	-	-	-	90,00	-	-	-	95,0	-
Eucalipto para serraria (empilhada) (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	-	-	-	95,00
Eucalipto prancha (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eucalipto pontalete - (u. 3m) (0,08x0,08)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eucalipto pontalete - (u. 2,20m) (10/12cm)	-	-	-	6,00	-	-	-	-	-
Pinus s/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	63,00	-	-	-
Pinus c/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus madeira em pé (processo/indústria) (st.)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus madeira em pé (energia) (st.)	-	-	-	-	-	28,00	-	-	-
Pinus empilhado (lenha) (st.)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus para serraria diâmetro abaixo de 30cm (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	64,50	-	-	-
Pinus para serraria diâmetro acima de 30cm (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	92,00	-	-	-
Pinus prancha (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus ellioti - resina (t)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus tropicais - resina (t)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Látex (kg)	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Produto	Pardo			Grande			Paraíba		
	Fev.	Mar.	Abr.	Fev.	Mar.	Abr.	Fev.	Mar.	Abr.
Eucalipto s/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eucalipto c/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eucalipto c/c energia (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	52,00	48,00	-	70,00	70,00	-	28,00	28,00
Eucalipto madeira em pé (processo/indústria) - (st.)	45,00	33,50	33,50	-	35,00	35,00	26,00	-	-
Eucalipto madeira em pé (energia) - (st.)	45,00	-	-	-	-	-	16,00	-	-
Eucalipto empilhado (lenha grossa) - (st.)	52,00	37,00	38,00	70,00	-	-	26,00	30,00	30,00
Eucalipto empilhado (lenha fina) - (st.)	-	-	37,00	-	-	-	-	-	-
Eucalipto para tratamento - (st.)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Eucalipto para serraria (madeira em pé) - (m <sup>3</sup> )	-	-	110,00	-	-	-	80,00	80,00	80,00
Eucalipto para serraria (empilhada) - (m <sup>3</sup> )	-	70,00	160,00	-	-	-	-	-	-
Eucalipto prancha - (m <sup>3</sup> )	-	-	750,00	-	-	-	-	-	-
Eucalipto pontalete - (u. 3m) (0,08x0,08)	-	-	14,40	-	-	-	3,30	-	-
Eucalipto pontalete - (u. 2,20m) (10/12cm)	-	-	19,80	-	-	-	2,50	3,00	3,00
Pinus s/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus c/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus madeira em pé (processo/indústria) - (st.)	-	16,00	16,00	-	-	-	28,00	26,00	26,00
Pinus madeira em pé (energia) - (st.)	-	-	-	35,00	-	-	12,00	5,00	5,00
Pinus empilhado (lenha) - (st.)	-	-	-	-	-	-	-	15,00	15,00
Pinus para serraria diâmetro abaixo de 30cm (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	-	60,00	60,00	60,00
Pinus para serraria diâmetro acima de 30cm (m <sup>3</sup> )	-	60,00	60,00	-	-	-	-	-	-
Pinus prancha (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus ellioti - resina (t)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinus tropicais - resina (t)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Látex (kg)	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 1 - Preços Recebidos pelos Produtores Florestais, por Bacia Hidrográfica, Estado de São Paulo, 2007

Produto	(R\$) (conclusão)					
	Mantiqueira			Ribeira do Iguape		
	Fev.	Mar.	Abr.	Fev.	Mar.	Abr.
Eucalipto s/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-
Eucalipto c/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-
Eucalipto c/c energia (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-
Eucalipto madeira em pé (processo/indústria) - (st.)	-	50,00	50,00	-	-	32,50
Eucalipto madeira em pé (energia) - (st.)	-	-	-	-	-	17,50
Eucalipto empilhado (lenha grossa) - (st.)	40,00	-	-	-	-	-
Eucalipto empilhado (lenha fina) - (st.)	-	-	-	-	-	-
Eucalipto para tratamento - (st.)	-	-	-	-	-	-
Eucalipto para serraria (madeira em pé) - (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	75,00
Eucalipto para serraria (empilhada) - (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	-
Eucalipto prancha - (m <sup>3</sup> )	-	365,00	365,00	-	-	330,00
Eucalipto pontalete - (u. 3m) (0,08x0,08)	4,10	4,10	4,10	-	-	-
Eucalipto pontalete - (u. 2,20m) (10/12cm)	-	-	-	-	-	-
Pinus s/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-
Pinus c/c processo (m <sup>3</sup> CIF) (posto consumidor)	-	-	-	-	-	-
Pinus madeira em pé (processo/indústria) - (st.)	50,00	-	-	-	-	37,50
Pinus madeira em pé (energia) - (st.)	10,00	10,00	10,00	-	-	13,00
Pinus empilhado (lenha) - (st.)	-	40,00	40,00	-	-	-
Pinus para serraria diâmetro abaixo de 30cm (m <sup>3</sup> )	365,00	-	-	-	-	-
Pinus para serraria diâmetro acima de 30cm (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	-
Pinus prancha (m <sup>3</sup> )	-	-	-	-	-	320,00
Pinus ellioti - resina (t)	-	-	-	-	-	-
Pinus tropicais - resina (t)	-	-	-	-	-	-
Látex (kg)	-	-	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

## LITERATURA CITADA

CASER, D. V. et al. O reflorestamento no Estado de São Paulo no final do século XX. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 8., 2004, São Bernardo do Campo, SP. **Anais...**, São Bernardo do Campo, SP, 2004.

CASTANHO FILHO, E. P. et al. Sistema de Informações Florestais do Estado de São Paulo - SISFLOR. **Florestar Estatístico**, São Paulo, v. 9, n. 19, nov. 2006.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University, 1957.

GUERRERO, C. V. S. et al. Projeto da Base de Dados da Central de Informação do Semi-Árido - CENINSA. In: CONGRESSO DA SBI-AGRO - AGROSOFT 97 SOFTEX 2000, 1997, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 1997.

PINO, A. F. et al. Levantamento de preços por amostragem. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 1-19, 2000.

## LEVANTAMENTO MENSAL DE PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES FLORESTAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

**RESUMO:** Pela revisão da literatura, sistemas de informação dos agronegócios possuem particularidades que não podem deixar de ser consideradas sob pena de comprometer os resulta-

*Informações Econômicas, SP, v.37, n.10, out. 2007.*

dos esperados. Sob esse prisma vários procedimentos precisam ser observados e seguidos quando se pretende implantar sistemas de informações como neste caso. Assim, desde a seleção do grupo de informantes até a elaboração da planilha final de respostas e análise e coerência dos resultados são etapas que requerem acurada dedicação. Este trabalho que foi dirigido à implantação de um sistema de informações sobre cotações de produtos florestais em nível de produtor do Estado de São Paulo procurou seguir essas recomendações. Foram 25 tipos de produtos cotados em várias regiões do Estado que ofereceram uma visão abrangente e geral dos seus comportamentos e das distinções que podem ser observadas entre as regiões. Esses levantamentos poderão vir a integrar os levantamentos sistemáticos do Instituto de Economia Agrícola criando uma nova frente de trabalho.

**Palavras-chave:** sistemas de informações, agronegócio florestal, economia florestal, cotações de produtos florestais.

#### **MONTHLY SURVEY OF PRICES RECEIVED BY FORESTRY PRODUCERS IN THE STATE OF SÃO PAULO**

**ABSTRACT:** According to the literature review on the topic, unless the particularities of agribusiness information systems are taken into consideration, their expected results may be compromised. Under this angle, a number of procedures need to be followed, from the selection of the group of respondents, to the final answer spreadsheet and to the analysis and coherence of results. Those phases require dedication to accurately reflect the reality it is meant to represent aims to map. Based upon these recommendations, the present work was driven to the implementation of a system of information on forestry products price quotes at the level of producers in the state of São Paulo. Price quotations of twenty-five products from several regions across the state could offer a general, comprehensive view of their behavior, as well as of the distinctions observed among the regions. Those surveys will be able to integrate the systematic surveys conducted by the Institute of Agricultural Economy (IEA) thereby creating a new area of employment.

**Key-words:** information systems, forestry agribusiness, forestry economics, forestry products, price quotes, São Paulo state.

---

Recebido em 02/07/2007. Liberado para publicação em 23/08/2007.

**LEVANTAMENTO MENSAL DE PREÇOS RECEBIDOS  
PELOS PRODUTORES FLORESTAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO**

**Anexo 1**

QUESTIONÁRIO:

MÊS DE _____ DE 200_	FAIXA DE PREÇO
PRODUTO	EM R\$
Eucalipto s/c (processo/indústria) - m <sup>3</sup> CIF (posto consumidor)	
Eucalipto c/c (processo/indústria) - m <sup>3</sup> CIF (posto consumidor)	
Eucalipto c/c energia m <sup>3</sup> CIF (posto consumidor)	
Eucalipto madeira em pé (processo/indústria) - st.	
Eucalipto madeira em pé (energia) - st.	
Eucalipto empilhado (energia) - "lenha grossa" - st.	
Eucalipto empilhado (energia) - "lenha fina" - st.	
Eucalipto para tratamento - st.	
Eucalipto para serraria (madeira em pé) - m <sup>3</sup>	
Eucalipto para serraria (empilhada) - m <sup>3</sup>	
Eucalipto prancha - m <sup>3</sup>	
Eucalipto pontalete - un. 3m (0,08x0,08)	
Eucalipto pontalete - un. 2,20m (10/12 cm)	
Pinus s/c (processo/indústria) - m <sup>3</sup> CIF (posto consumidor)	
Pinus c/c (processo/indústria) - m <sup>3</sup> CIF (posto consumidor)	
Pinus c/c energia m <sup>3</sup> CIF (posto consumidor)	
Pinus madeira em pé (processo/indústria) - st.	
Pinus madeira em pé (energia) - st.	
Pinus empilhado (energia) - "lenha" - st.	
Pinus para serraria diâmetro abaixo de 30cm - m <sup>3</sup>	
Pinus para serraria diâmetro acima de 30cm - m <sup>3</sup>	
Pinus prancha - m <sup>3</sup>	
Pinus ellioti - resina - t	
Pinus tropicais - resina - t	
Látex - kg	

Abreviaturas utilizadas no questionário:

st. = estéreo; kg = quilograma; m<sup>3</sup> = metro cúbico; t = tonelada; un. = unidade; c/c = com casca; s/c = sem casca.

Fonte: Dados da pesquisa.